

## MEMÓRIA E SUBJETIVAÇÃO DE MULHERES QUILOMBOLAS: A ESCRITA DE SI COMO PRÁTICA DE RESISTÊNCIA E LIBERDADE

*Eixo Temático As Novas Tecnologias de Poder no Combate às  
Dissidências: se fere nossa existência, seremos resistência!*

Priscila Silva de Figueiredo<sup>1</sup>  
Rita Maria Radl-Philipp<sup>2</sup>

### RESUMO

Neste trabalho, discutimos sobre a memória e processos de subjetivação de mulheres quilombolas, a partir da obra “Mulheres Quilombolas: territórios de existências negras femininas”, organizado por Selma dos Santos Dealdina. Tomando como referência os textos, escritos por dezoito mulheres, que narram suas vivências, dores e desafios e, acima de tudo, suas formas de resistências, discutimos sob uma perspectiva foucaultiana a “escrita de si” como prática da liberdade. Buscamos explorar a memória destas mulheres a partir das suas escritas, como prática de relação para consigo mesmas, e com as demais pessoas. Memória de mulheres que resistem aos dispositivos racistas, sexistas e classistas que incidem sobre seus corpos e territórios.

**Palavras-chave:** técnicas de si; poder; cuidado de si.

### INTRODUÇÃO

Em 2020, foi publicado o livro “Mulheres Quilombolas: territórios de existências negras femininas”, organizado por Selma dos Santos Dealdina, que traz as vozes de mulheres de comunidades quilombolas de todas as regiões brasileiras (DEALDINA, 2020). A relevância da obra se dá por tratar de temas centrais e urgentes, tais como justiça social e sustentabilidade, visibiliza a luta de mulheres pelo direito a

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), [priscila.figueiredo@uesb.edu.br](mailto:priscila.figueiredo@uesb.edu.br).

<sup>2</sup> Professora Titular Catedrática Plena da Universidade de Compostela (USC)- Espanha e professora do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da UESB, [ritam.radl@usc.es](mailto:ritam.radl@usc.es).

terra, a resistência diante da tentativa de um poder que visa promover um apagamento social.

Mariléa de Almeida (2014) destaca que o enunciado “mulheres quilombolas” alude uma identidade que institucionaliza diferentes corpos e experiências e propõe analisar como, por meio de que práticas e discursos, as mulheres se tornam quilombolas. Amanda Lobo e Auterives Junior (2016), por sua vez, destacam que para Foucault não há sujeito substancial e que a subjetivação se dá, portanto, em torno daquilo que é possível saber, fazer e ser em determinada formação histórica, em condições de possibilidade, constituindo uma memória.

Partindo destas reflexões procuramos, através deste trabalho, abordar a memória e processos de subjetivação de mulheres quilombolas, a partir da obra supracitada, reconhecendo, sob uma perspectiva foucaultiana, a “escrita de si” como prática da liberdade e resistência (FOUCAULT, 2002; 2010a). Para tanto, adotamos postulados teóricos de Michel Foucault que auxiliem no entendimento das formas modernas e contemporâneas de produção da subjetividade.

## **REFERENCIAL TEÓRICO**

Michel Foucault (1995) destaca que seu trabalho durante anos, objetivou criar uma história dos diferentes modos pelos quais, em nossa cultura, os seres humanos tornaram-se sujeitos. Para tanto, lidou com três modos de objetivação que transformam os seres humanos em sujeitos: pelos diferentes saberes, pelas práticas divisoras em que o sujeito é dividido no seu interior e em relação aos outros e pelos modos pelos quais o ser humano torna-se um sujeito (FOUCAULT, 1995). Dessa forma, Foucault elucida através dos seus trabalhos a relação entre saber-poder-ética na constituição do sujeito.

Outro importante aspecto presente nos escritos desse filósofo-historiador refere-se à forma como aborda o poder. Foucault (2003) se opõe a hipótese repressiva do poder, e o compreende como não apenas o que interdita, rejeita ou exclui, mas como algo difuso e imanente a todas as relações sociais. Segundo Foucault (2006), existe poder do homem sobre a mulher, mas também da mulher sobre o homem, dos filhos sobre os pais etc, colocando o poder em toda a parte. Além disso, para Foucault (2003), na contemporaneidade, observamos um poder que se organiza em torno da gestão da

vida, que se dirige ao corpo, à vida, ao que a faz proliferar, ao que reforça a espécie – o biopoder.

Foucault (2010b) destaca, então, que as relações de poder são móveis, reversíveis e instáveis, enfatizando que só é possível haver relações de poder quando os sujeitos são livres e apresenta a ética como a prática da liberdade. Para que a prática de liberdade tome forma em um belo êthos é preciso todo um trabalho de si sobre si mesmo (FOUCAULT, 2010b). Destarte, o cuidado de si é compreendido como ético em si mesmo e que perpassa necessariamente o cuidado do outro (FOUCAULT, 2010b).

Como destaca Margareth Rago (2013), a “escrita de si” pode ser compreendida como um cuidado de si e também como abertura para o outro, como trabalho sobre o próprio eu num contexto relacional, de forma a reconstituir uma ética do eu. Assim sendo, compreendemos a escrita de si como prática de liberdade e resistência (FOUCAULT, 2010a).

A “escrita de si” de mulheres quilombolas, frequentemente, perpassa a construção de uma narrativa que evoca uma memória individual e coletiva. Nesse sentido, concebemos a memória baseada em descontinuidades, demonstrando que o discurso não possui um sentido nato e que a vida não se ordena para uma dada finalidade, e se constitui por atravessamentos e tensões (LOBO, JUNIOR, 2016).

Foucault (2010b) sustenta que o sujeito não é uma substância ou um dado, e sim uma forma construída por saberes e por práticas historicamente situados. Adotando esta compreensão, Mariléa de Almeida (2014) situa que “ser mulher quilombola”, não é um dado, mas é construto contingente e histórico, não é algo abstrato, mas que se materializa por meio dos corpos.

Através das contribuições teóricas exploradas no presente referencial teórico buscamos abordar a memória e processos de subjetivação de mulheres quilombolas. A seguir, apresentamos os aspectos metodológicos referentes à analítica adotada.

## **METODOLOGIA**

O corpus do trabalho se refere à obra “Mulheres Quilombolas: territórios de existências negras femininas”, publicada em 2020, organizada por Selma dos Santos Dealdina e escrita por dezoito mulheres quilombolas, mesclando linguagem acadêmica, escrita orgânica, versos e poemas. Assim sendo, através de uma pesquisa teórica,

exploramos os capítulos e relatos autobiográficos e biográficos de suas comunidades, produzidos por essas mulheres, considerando as narrativas nas quais constroem suas memórias, avaliam as experiências vividas e dão sentido ao seu presente e de suas comunidades, em um processo de produção da sua subjetividade e resistência.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O livro é composto por uma apresentação escrita pela organizadora, seguida por doze capítulos. Na obra são retratados os diferentes enfrentamentos, como a luta pelo reconhecimento das comunidades, pela titulação dos territórios, pela superação das violências internas e externas - com destaque ao racismo e sexismo, pela promoção da sustentabilidade e pela preservação e transmissão dos saberes dos quilombos pelas mulheres, dentre outros.

É possível identificar continuidades no que se refere à subjetivação das mulheres, como quando Dealdina (2020a, p. 15) apresenta a obra destacando que “A ligação de cada mulher quilombola com seu território e sua ancestralidade [...] é um elemento marcante em todos os capítulos deste livro”. No entanto, concordamos com Mariléa de Almeida (2014) quando esta nos diz que a ancestralidade funciona como um dispositivo que normatiza a materialidade e as performances corporais das mulheres quilombolas e, por isso, deve ser pensada em termos situados, sem pretensão de generalizações.

Destarte, é possível também observar as discontinuidades, o reforço das diferenças, das rupturas, da criação do novo. Nesse sentido, se destaca a preocupação das autoras em evidenciar as suas diferentes ocupações, como benzedeiiras, parteiras, coveiras, líderes comunitárias, representantes associativas, estudantes, integrantes e lideranças de movimentos, entre tantos outros afazeres (DEALDINA, 2020b).

O papel como liderança comunitária é abordado por Sandra Andrade e Ana Carolina Fernandes (2020) que destacam que a maioria das associações é presidida por mulheres e relacionam liderança com rebeldia. Destarte, fica evidente uma defesa da importância das mulheres na representação política e dos ensinamentos sobre atrevimento e rebeldia, nos diferentes espaços de poder. Destacamos que na dinâmica das relações de poder, a resistência ocupa um lugar central, pois segundo Foucault (2006), há resistência em todos as relações de poder.

Mulheres quilombolas também apresentam diferentes formações, sendo que grande parte das mulheres adultas e idosas tem pouco estudo formal e que nas novas gerações é possível observar mulheres quilombolas frequentando cursos universitários de graduação, mestrado, doutorado, em diferentes áreas (DEALDINA, 2020b).

De acordo com Gessiana Nazário (2020, p. 101), para ela só foi possível refletir sobre sua trajetória familiar na universidade, destacando que sua biografia “[...] não remete a um projeto inscrito em uma subjetividade naturalizada, refere-se antes a uma trajetória socialmente construída em processos estruturados, mas não planejados, vistos em escalas espaço-temporais e níveis de análise e abstração diversos”. Portanto, é possível observar que a formação de subjetividade aparece como historicamente situada, assim como Foucault (2010b) que a concebe ao sustentar que o sujeito não é uma substância e sim uma forma construída por saberes e por práticas.

Vercilene Dias (2020, p. 76), no que lhe tange, apresenta um importante aspecto da formação da subjetividade quilombola ao apresentar que a negação da identidade quilombola era algo normal na sua comunidade, como forma de proteção, “[...] pois o quilombo continua a ser estigmatizado socialmente [...]”. Deste modo, pensar no significado de mulher quilombola perpassa a compreensão de quilombo.

Segundo Valéria dos Santos (2020) problematiza ao dizer que no nosso país o conceito de quilombo é bastante amplo e passou por uma revisão da antropologia. Segundo ela, a renovação conceitual busca a construção de uma narrativa que considera a maneira dinâmica pela qual se deu organização quilombola no território brasileiro (SANTOS, 2020). Nesse sentido, Carlídia Almeida (2020) salienta que as dinâmicas vão além das estratégias de fuga, como também a ocupação de terras livres, o recebimento de heranças e doações, a aquisição de terras pela compra ou como pagamento pela prestação de serviços, entre outros. Destarte, segundo a autora cada quilombo é diferente do outro e não existe a necessidade de fixar categoriais estáticas (ALMEIDA, 2020).

Por fim, destacamos que não é só uma base comum que constitui a identidade da mulher quilombola. Existe criação dentro de diferentes condições de possibilidade. Como destaca Dealdina (2020b, p. 43) “[...] a luta quilombola se sustenta na capacidade do nosso povo de enfrentar violências, superar perdas e reinventar-se”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da leitura dos capítulos, foi possível perceber que algumas narrativas evocam uma subjetividade pautada na coletividade, como dos momentos em que elas falam como “nós, mulheres quilombolas” como também pautada dentro de uma individualidade quando elas relatam “eu, mulher quilombola”. Além disso, podemos observar a resistência como negação da violência a qual as comunidades são submetidas, como também de criação a partir de iniciativas de criação de alternativas de viver. O comprometimento das mulheres quilombolas com suas comunidades evidencia o cuidado do outro como inerente ao cuidado de si. O cuidado de si e do outro como ética. E a escrita do livro pode ser vista como uma ferramenta de prática de resistência e liberdade, em que são elaboradas suas memórias.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Carlídia Pereira de. Sementes crioulas, da ancestralidade para a atualidade: o protagonismo dos saberes tradicionais do povo quilombola de Lagoa do Peixe. In: DEALDINA, Selma dos Santos (org). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Jandaíra, 2020. p. 145-156.

ALMEIDA, Mariléa de. A experiência de Mulheres quilombolas: raça e gênero na criação de corpos étnicos. **Anais...** XVI Encontro Regional de História da ANPUH-Rio: Saberes e práticas científicas. Rio de Janeiro, p. 1- 17, 2014.

ANDRADE, Sandra Maria da Silva; FERNANDES, Ana Carolina Araújo. “Eu sempre fui atrevida”: alguns movimentos de uma filha de Xangô na luta quilombola. DEALDINA, Selma dos Santos (org). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Jandaíra, 2020, p. 109-128.

DEALDINA, Selma dos Santos (org). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Jandaíra, 2020.

DEALDINA, Selma dos Santos. Apresentação. In: DEALDINA, Selma dos Santos (org). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Jandaíra, 2020a, p. 13-20.

DEALDINA, Selma dos Santos. Mulheres quilombolas: defendendo o território, combatendo o racismo e despatriarcalizando a política In: DEALDINA, Selma dos Santos (org). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Jandaíra, 2020b, p. 25-44.

DIAS, Vercilene Francisco. Eu Kalunga: pluralismo jurídico e proteção da identidade étnica e cultural quilombola. In: DEALDINA, Selma dos Santos (org). **Mulheres quilombolas: territórios de existências negras femininas**. São Paulo: Jandaíra, 2020, p. 75-86.

FOUCAULT, M. Dois ensaios sobre o sujeito e o poder. In: DREYFUS, Hubert; HABINOW, Paul. **Michel Foucault: uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. A escrita de si. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). **Ética, sexualidade e política**. Coleção Ditos e Escritos – volume V. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010a [1984]. p. 144-162.

\_\_\_\_\_. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: MOTTA, Manoel Barros (Org.). **Ética, sexualidade e política**. Coleção Ditos e Escritos – volume V. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b [1984]. p. 264-287.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 2003 [1976].

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade III: o cuidado de si**. Rio de Janeiro: Graal, 2002 [1984].

\_\_\_\_\_. Poder e Saber. In: MOTTA, M. Barros (Org.). **Estratégia, Poder-Saber.** Coleção Ditos e Escritos – volume IV. 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006 [1977]. p. 223-240.

LOBO, Amanda Souza Ávila, JUNIOR, Auterives Maciel. Memória, subjetivação e resistência e fora em Foucault. **Aprender:** Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação. Vitória da Conquista, Ano X, n. 16, vol.2 p. 9-22, jul./dez. 2016.

NAZÁRIO, Gessiane. Trajetória acadêmica, raça e identidade quilombola: um breve relato biográfico. In: DEALDINA, Selma dos Santos (org). **Mulheres quilombolas:** territórios de existências negras femininas. São Paulo: Jandaíra, 2020, p. 97-108.

RAGO, Margareth. **A aventura de contar-se:** feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

SANTOS, Valéria Pôrto dos. Quilombo Pau D´Arco e Parateca: quando vozes negras se (re) envolvem na construção de caminhos para a participação coletiva. In: DEALDINA, Selma dos Santos (org). **Mulheres quilombolas:** territórios de existências negras femininas. São Paulo: Jandaíra, 2020, p. 129-144.